



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## DA FINITUDE À FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA: UMA INTRODUÇÃO AO PROBLEMA HEIDEGGERIANO EM KANT E O PROBLEMA DA METAFÍSICA

LEONARDO DA SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta o percurso inicial do projeto ontológico heideggeriano através de sua discussão com Kant. Investiga-se, portanto, a interpretação de Martin Heidegger efetuada a partir da *Crítica da Razão Pura*, publicada na obra *Kant e o Problema da Metafísica*, de 1929. Procura-se explicitar como a finitude configura um papel central para introduzir uma fundamentação da metafísica através da fundamentação interna da ontologia. Na leitura heideggeriana, reconhecendo o caráter finito, próprio da natureza humana, Kant teria aberto a possibilidade para colocar a pergunta sobre transpassar a experiência do ente e se perguntar pelo *ser*, com a colocação do problema do *a priori*.

**Palavras-chave:** Heidegger; Kant; Finitude; Metafísica; Ontologia

# FROM FINITUDE TO THE FOUNDATION OF METAPHYSICS: AN INTRODUCTION TO THE HEIDEGGERIAN PROBLEM IN KANT AND THE PROBLEM OF METAPHYSICS

**Abstract:** This work presents the initial path of the Heideggerian ontological project through its discussion with Kant. Martin Heidegger's interpretation based on Immanuel Kant's *Critique of Pure Reason*, published in *Kant and the Problem of Metaphysics*, of 1929, is investigated. It seeks to explain how finitude configures a central role to introduce a foundation of metaphysics through the internal grounding of ontology. In the Heideggerian reading, recognizing the finite character, typical of human nature, Kant would have opened the possibility to ask the question about transcend the experience of the essent, asking for being, with the placing of the problem of *a priori*.

**Keywords:** Heidegger; Kant; Finitude; Metaphysic; Ontology

## INTRODUÇÃO

Este trabalho procura apresentar uma introdução ao projeto ontológico heideggeriano através da contribuição positiva kantiana efetuada na *Crítica da Razão da Pura*. Investigamos aqui a interpretação de Martin Heidegger da *Crítica* de Immanuel Kant, publicada na obra *Kant e o Problema da Metafísica*<sup>2</sup> (1929). Procuramos explicitar como a finitude, própria à natureza humana, configura um papel central para introduzir uma fundamentação da metafísica através da fundamentação interna da ontologia à luz da leitura heideggeriana de Kant.

Heidegger pensou o problema essencial daquela obra nos semestres de 1927/28 quando lecionou um curso acadêmico semestral de inverno sobre tais apontamentos. Sua interpretação sobre Kant foi discutida em diversas conferências posteriores, incluindo o famoso debate com Ernst Cassirer, em Davos no ano de 1929. Sua leitura da *Crítica*, para além de uma interpretação ou recepção da teoria kantiana, é uma interceptação, como aponta Duarte (1995, p. 214), que radicaliza em um movimento atuante de pensamento os problemas da obra. Já em *Ser e Tempo*, Heidegger afirma que a “contribuição positiva” de Kant foi ter pensado o *a priori*

2 A edição utilizada como referência foi: HEIDEGGER, Martin. *Kant e o problema da metafísica*. Trad. Alexandre Franco de Sá e Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

enquanto um âmbito ontológico (2015, p. 46). Assim, Kant teria sido o primeiro a vislumbrar o nexos existente de ser-tempo (DUARTE, 1995, p. 215).

A tarefa de Heidegger é, portanto, uma interceptação da *Crítica* como fundamentação de uma ontologia; esta fundamentação se dá a partir da analítica ontológica da essência finita do homem, que só assim pode preparar uma fundamentação da metafísica. Como metafísica, se pretende, pois, uma “teoria do ser”, mas se vê sempre voltando a pergunta “que é o homem?” (CASSIRER, 1957, p.107). Esta analítica ontológica pretende se fundar em uma metafísica do modo de ser-humano, que torna possível a fundamentação da metafísica em geral.

A interceptação de Heidegger combate a “afirmação que objetivo essencial de Kant foi a sobreposição da metafísica por uma teoria do conhecimento” (CASSIRER, 1957, p. 107), na qual a *Crítica* seria a fundadora. Sua incisiva argumentação durante a obra pode ser resumida na sentença: “nós compreendemos de maneira fundamentalmente equivocada o intuito da *Crítica* [...] não tem nada a ver com uma teoria do conhecimento” (HEIDEGGER, 2019, p. 34). No famoso debate com Cassirer em Davos, no ano de 1929, mesmo ano de publicação de *Kant e o Problema da Metafísica*, Heidegger procura mostrar que após as ciências “ocuparem” o conhecimento, Kant veio a ser visto, pelo *neokantismo*, como o teórico que possibilitou tudo isso, causando um embaraço na filosofia. Como expressão do *neokantismo*, o filósofo menciona alguns nomes como Cohen, Windelband, Rickert, Erdmann, Riehl (2017, pp. 161-162).

A intenção, na qual Kant se manteve fiel para o autor, fora uma fundamentação explícita da metafísica. O problema da transcendência é o problema da possibilidade interna da ontologia, o que consiste na formulação da possibilidade interna da *metaphysica generalis*. Logo, contra a interpretação tradicional do *neokantismo*: “não é nenhuma teoria do conhecimento científico-natural-matemático” (HEIDEGGER, 2019, p. 269), nem se trata de substituir o problema da metafísica.

De saída, procuramos explicitar, seguindo as etapas heideggerianas, como a tradição metafísica formou uma concepção dogmática a partir da *metaphysica specialis* e *metaphysica generalis*, e é essa noção de metafísica que Kant recebeu e investigou a possibilidade enquanto conhecimento científico. Entretanto, o projeto da *Crítica* não procurou destituir a metafísica (em sentido amplo) da possibilidade de conhecimento, mas sim, procurou ser um método para uma metafísica a partir do próprio homem, uma ontologia. Em síntese, dois problemas são mencionados: a formação dogmática de metafísica e a obra kantiana como uma fundamentação da metafísica. Dessa forma será possível responder à questão: como esta fundamentação se transformou em uma “crítica da razão pura”?

No segundo momento, procuramos expor a questão central deste, a saber, a finitude humana. O caráter finito é o ponto de partida que possibilita Heidegger

interpretar a *Crítica* como uma fundamentação da metafísica; é a partir disto que o autor abre possibilidade de interpretar na filosofia transcendental kantiana seu projeto ontológico. A finitude é própria da essência do homem, na medida em que este só pode conhecer e se relacionar com os entes que se manifestam para ele acessar, isto porque aquilo que é representável deve, de alguma maneira, já ser subsistente para tornar-se possível de ser intuído, apontando para o caráter essencial da receptividade.

A ênfase aqui, portanto, é uma leitura exegética de *Kant e o Problema da Metafísica*, que permita introduzir a contribuição de Kant, uma fundamentação da metafísica a partir de uma ontologia fundamental que se apresenta na *Crítica*, concentrando os esforços na exposição acerca da finitude como elemento introdutório para Heidegger desenvolver tal interpretação.

### A CRÍTICA DA RAZÃO PURA COMO FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA

No prefácio da primeira edição de sua obra, Kant apresenta a metafísica como um palco de “infundáveis disputas” sobre os “princípios” que os filósofos pré-kantianos apontam. Isto ocorre, pois no decorrer do processo de conhecimento, a razão sempre se vê obrigada a colocar princípios que estão além dos seus próprios limites e, na medida em que se eleva a uma zona obscura, depara-se com contradições das quais não pode sair e, não pode também compreender o seu erro (2001, p.8). Heidegger procura mostrar que a origem desta noção que leva a Metafísica até esse solo problemático de disputas está situada expressivamente na teologia cristã. A pergunta sobre a possibilidade da metafísica enquanto ciência, comum a interpretação da tradição *neokantiana*, é decorrente da própria confusão da noção de “metafísica”, tendo como herança a noção de *metaphysica specialis*, isto é, a metafísica propriamente dita, enquanto conhecimento do “suprassensível”.

Na história da filosofia, metafísica aparece primeiro como título da seção do conjunto de quatorze livros aristotélicos, onde no decorrer do processo de classificação, estas obras seguiam os tratados do estagirita sobre a *Física*, sendo posteriormente determinado que o conteúdo desses tratados eram objetos de estudo da disciplina “Metafísica”. Desta maneira, a formação posterior desta disciplina, enquanto *μετά τα φυσικά* tem uma origem duvidosa para Heidegger e, a delimitação de seu objeto de investigação, a saber, aquilo que Aristóteles determinou como filosofia primeira (*πρώτη Φιλοσοφία*), pode ser decomposta em outras duas questões que se relacionam: o conhecimento da região suprema do ente (*τιμιώτατον γένος*), que determina o ente total (*καθόλου*). Esta noção se perdeu na tradição filosófica pós-aristotélica. Contudo, Heidegger não tece maiores comentários sobre a formação da metafísica na antiguidade, são problemas que

ficaram em aberto desde os gregos e a cada passo seguinte da filosofia, parecem ter se tornados mais distantes do problema original (HEIDEGGER, 2019, pp. 24-26).

Um dos motivos para essa questão ter gerado um grande impasse filosófico foi com a interpretação da filosofia cristã aos problemas deixados pela filosofia antiga. Adequando-se a interpretação cristã do mundo, o homem recebe uma posição elevada, pois como mostra no Gênesis, o homem foi criado a imagem e semelhança divina (Gn 1, 26) e, ainda que possua uma natureza completamente diferente de Deus, também se difere dos outros entes mundanos. Somente a salvação da alma humana e sua possibilidade de existir eternamente tem importância. Também, por ser privilegiado é que o intelecto humano é capaz de inteligibilidade, o que o difere de todos os demais entes mundanos que também respondem a Deus, absoluto e criador. Neste contexto, a metafísica se desenvolve enquanto *metaphysica specialis*, que se subdividiu na investigação da Teologia, Cosmologia e Psicologia, tendo por objeto respectivamente, Deus, a Natureza e o Homem, elementos que constituem o todo do mundo cristão. Diferente desta, a *metaphysica generalis*, a ontologia tem por objeto o ente enquanto tal. (HEIDEGGER, 2012, p 27)

Se a própria formação e o objeto de estudo da metafísica são um impasse filosófico, é possível compreender como esta chega até Kant: como um palco de disputas sem conseguir encontrar o caminho seguro enquanto ciência. Não obstante, a metafísica ainda era notória entre os metafísicos racionalistas, sobretudo pela confiança que estes detinham no poder da razão. Disto decorre um segundo problema (HEIDEGGER, 2019, p. 27) no contexto de metafísica em que Kant se situa; sendo a metafísica este conhecimento fundamental que assegura todo o edifício científico, a “rainha das ciências” (KANT, 2001, p. 29-30), dado seu próprio objeto “elevado” de investigação, era necessário um “método” de investigação que corresponda a tamanho empreendimento. O método, puramente racional, já que o conhecimento metafísico está para além da investigação da experiência, só poderia se espelhar na matemática que desde os gregos já havia se firmado enquanto conhecimento seguro (2001, 42-43).

Neste outro ponto problemático, pelo método aplicado na investigação, pode se sintetizar da seguinte forma: se a metafísica especial tem por objeto de conhecimento questões de notável importância, como Deus ou Alma, as quais a razão não pode deixar de se colocar, o método aplicado para conhecê-las deve corresponder também em rigor e segurança. Kant nos mostra isto no prefácio da *Crítica* quando aponta a física e a matemática como exemplos para pensar a alteração de método investigativo para a metafísica (2001, p. 45-46). A matemática, pois, constitui a ciência racional *a priori* em mais alto grau (HEIDEGGER, 2019, p. 27) e a física que, ao procurar na natureza o que a própria razão nela colocou (2001, p. 44) pode solidificar-se enquanto ciência.

Todavia, ainda que essa questão seja um motivador para o impasse na formação da metafísica, para Heidegger este não é o ponto central da investigação, visto que na sua leitura Kant não procura fundar uma teoria do conhecimento. As ciências da natureza apenas dão um indício entre a conexão fundamental do conhecimento do ente com o conhecimento ontológico, esgotando sua função na fundamentação da metafísica (HEIDEGGER, 2019, p.28).

Com esta apresentação preliminar é possível compreender o contexto no qual se situa Kant; em linhas gerais o que Baumgarten<sup>3</sup> havia definido: a metafísica como ciência primeira do conhecimento humano dividida na ontologia, cosmologia, psicologia e teologia (HEIDEGGER, 2019, p. 23). Entretanto, dado esse mesmo contexto, para evitar esse palco de disputas a qual a metafísica se colocou, é preciso uma determinação concreta do percurso a seguir. Dessa forma, Kant se vê diante da tarefa de investigar a possibilidade interna da metafísica, onde para Heidegger, isto implica em delimitar uma essência para a metafísica (2019, p. 27).

A pergunta heideggeriana se dirige, em seguida, à compreensão de como estes problemas converteram a fundamentação da metafísica em uma “crítica da razão da pura”, sua exposição recupera o pontapé inicial de Kant na *Crítica*. A metafísica ainda não teve a sorte para se firmar enquanto um conhecimento seguro, suas tentativas permanecem “meros tateios” quando se pergunta por aquelas questões de máxima relevância (KANT, 2001, p. 44). Portanto, no projeto kantiano é preciso primeiro investigar se a metafísica é possível enquanto ciência, como era esperado na metafísica tradicional. Para Heidegger, isso ganha importância porque é com Kant que se pode experimentar uma investigação da metafísica com outro método, pela primeira vez abre possibilidade para “experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento” (*KrV B XVI apud* HEIDEGGER, 2019, p. 30)

A investigação kantiana se transforma na questão sobre as possibilidades do conhecimento; um passo importante para a fundamentação da filosofia transcendental, pois, é uma pergunta pela via de acesso ao ente, isto é, pela investigação da própria razão. Com ela, Kant pode afirmar a possibilidade de conhecer *a priori*, não mais partindo dos objetos, como fazia a metafísica tradicional, mas se voltando ao sujeito que pergunta. (HEIDEGGER, 2019, p. 30-31)

Assim, se o conhecimento *a priori* está no sujeito, o qual por sua vez não pode conhecer se abstendo totalmente da experiência, pois necessita que os objetos afetem seus sentidos, não faz sentido pensar a metafísica tendo como objeto de

3 As duas passagens que Heidegger cita, são da edição original em latim da *Metaphysica* de Baumgarten, são elas respectivamente: §1 *Metaphysica est scientia primorum humana cognitione principiorum*; §2 *Ad metaphysicam referentur ontologia, cosmologia, psychologia et theologia naturalis*. (Baumgarten, A. *Metaphysica*. 7ª ed. 1779. disponível em <<https://archive.org/details/metaphysicaalex00baumgoog>> [acesso em: 26 de março de 2021])

conhecimento questões como Deus ou a Alma. Diante disso, a metafísica aparece em Kant não como uma real ciência como era esperado na metafísica tradicional, mas como uma “disposição natural” (*metaphysica naturalis*). Só é possível pensar uma fundamentação da metafísica se afastando dos objetos que são de natureza distinta da razão (2001, p. 77), e assim, esta metafísica só é possível enquanto uma fundamentação conforme a natureza finita do homem (HEIDEGGER, 2019, p.21).

Como foi mencionado anteriormente, a concepção dogmática da metafísica que chega até Kant é oriunda do alargamento das questões da *metaphysica specialis*. Dessa forma para responder como este homem que também é “coisa” no mundo pode se relacionar com estas outras “coisas”, isto é, como este homem que não é infinito, nem criador, possui uma forma singular de transcender a si e se relacionar com o exterior, Heidegger aponta ser necessário uma metafísica desse modo de ser humano, diferente de toda investigação até então.

## FUNDAMENTAÇÃO DA ONTOLOGIA COMO FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA

Até aqui, apresentou-se os dois pontos problemáticos da metafísica a partir de sua formação e de seu método investigativo. Assim, compreender se aquela metafísica é possível enquanto ciência parece ser o *leitmotiv* da filosofia kantiana na *Crítica*. Kant manteve-se fiel a tarefa de investigação da metafísica, o conhecimento do ente geral (*metaphysica generalis*) e como este se projeta em suas partes especiais (*metaphysica specialis*). Todavia, para investigar esse conhecimento sem cair nos mesmos problemas que seus anteriores, era preciso uma prova rigorosa de seu objeto de conhecimento e de sua possibilidade enquanto ciência racional pura, visto que a matemática o é (HEIDEGGER, 2019, p. 27).

Dessa maneira, o problema maior surge: a investigação última da metafísica, isto é, o conhecimento do ente suprassensível se vê restringida a investigação da possibilidade deste ente ser conhecido, em outras palavras, sempre que se tentou fundamentar uma ciência a partir do “absoluto” como princípio se caiu em aporia. Além disso, apenas a experiência não satisfaz o intuito de fundamentar uma ciência, dada a contingência que os objetos se apresentam nesta (HEIDEGGER, 2019, p. 28).

Nesse contexto, a física aparece como importante; os físicos ao alterarem seu método de observação, ou seja, ao compreender que a razão conhece, a partir de leis gerais, aquilo que ela “coloca” na natureza e força esta a lhes responder (KANT, 2001, p. 43-44) conseguiu trilhar um caminho científico seguro. Para Heidegger (2019, pp. 28-29), em sua leitura, o que a matemática e a física indicaram foi: uma conexão fundamental entre a experiência do mundo (ôntica) e o conhecimento

ontológico (ontologia). Mas, isso não resolve o problema da possibilidade da *metaphysica specialis*, indica, na verdade, que a *metaphysica generalis* (ontologia), conhecimento do ente enquanto tal, presta a armação necessária para aquela, o que leva ao caminho de que é preciso investigar a “experiência” que se tem com o ente em geral. Para o filósofo:

O projeto da possibilidade interior da *metaphysica specialis* é remetido através da pergunta sobre a possibilidade do conhecimento ôntico para a pergunta sobre a possibilidade daquilo que possibilita o conhecimento ôntico. Este, porém, é o problema da essência da compreensão prévia do ser, isto é, do conhecimento ontológico no mais amplo sentido. Todavia, o problema da possibilidade interior da ontologia contém a pergunta acerca da possibilidade da *metaphysica generalis*. A tentativa de uma fundamentação da *metaphysica specialis* é em si remetida para a pergunta acerca da essência da *metaphysica generalis*. (HEIDEGGER, 2019, p. 29)

Ora, se a pergunta se direciona à compreensão da experiência ôntica e daquilo que provém da experiência desta, a razão deve voltar para si mesma e compreender a sua “forma de conhecer” o ente enquanto ente. Entretanto, esta exposição responde apenas parcialmente, visto que o objetivo de Kant não se limita a compreensão da experiência do ente, mas sim, como é possível transpassar a experiência deste para compreensão do que determina esse ente como tal. A investigação não sai do âmbito metafísico para fundamentar as ciências positivas, não basta a delimitação de como se conhece o ente, mas de como se determina a constituição deste ente. Transcender esse ente é conhecer este ente *a priori* (HEIDEGGER, 2019, p.34).

Na interpretação heideggeriana, a possibilidade do conhecimento *a priori* é a possibilidade do conhecimento ontológico (2019, p. 31). Isso fica mais claro quando se retoma a célebre afirmação que abre a *Crítica*<sup>4</sup>, e que Heidegger lê da seguinte maneira: “nem todo conhecimento é ôntico, e, onde um tal conhecimento ôntico se apresenta, só é possível através de um conhecimento ontológico” (2019, p. 30), ou seja, o “que é” conhecido no ente, o *ser*, anterior (não temporalmente) a experiência ôntica, é dado *a priori* pelo conhecimento ontológico.

Investigar a própria essência do conhecimento ontológico é o objetivo kantiano, ou seja, investigar o *a priori* da razão. Assim, Kant chama de “filosofia transcendental” esta capacidade de “transcender” o ente no processo de conhecimento, isto é, investigar a *metaphysica generalis* (ontologia). Logo, a *Crítica* é um “tratado de método” (KANT, 2001, p. 48-49) para a revelação de uma ontologia (HEIDEGGER, 2019, p. 33).

Fica claro para a leitura heideggeriana, como o projeto de Kant se manteve fiel a um projeto metafísico. Não basta a compreensão do conhecimento do ente,

4 “Se, porém, todo o conhecimento se inicia *com* a experiência, isso não prova que todo ele derive *da* experiência” (KANT, 2001, p. 62)

mas como é possível transcender este ente. Dessa forma, converteu a pergunta pela possibilidade da metafísica enquanto ciência para a questão sobre a possibilidade da fundamentação interna da ontologia. Para Heidegger, se Kant teve por intenção esclarecer este problema é uma pergunta secundária, mais importante é que tenha “reconhecido e apresentado sua necessidade” (HEIDEGGER, 2019, p.30). Se a filosofia kantiana é um percurso para uma fundamentação da ontologia, cabe agora responder como este percurso gerou uma “crítica da razão da pura”.

Kant afirma que “a razão é a faculdade de conhecer *a priori* e, portanto, que “a razão pura contém os princípios para conhecer algo absolutamente *a priori*” (KrV A 11, B 24 *apud* HEIDEGGER, 2019, p. 32). Disto decorre que a razão se volte a si e investigue-se suas fontes e limites (KANT, 2001, p. 79), isto é, investigue a sua própria essência. Investigar a essência é, em sentido negativo, compreender aquilo que não é sua essência e ao mesmo tempo, estabelecer os limites que a razão possui (HEIDEGGER, 2019, p. 32).

Para Heidegger a investigação do conhecimento *a priori* é a exposição do que torna possível este conhecimento, a saber, a investigação do conhecimento ontológico. Assim, investigar a possibilidade interna da ontologia, é instaurar uma “crítica da razão pura”. Entretanto, se Kant possui uma terminologia própria, como por exemplo, sua filosofia é “transcendental” e não uma “*metaphysica generalis*”, isto é consequência da própria exposição kantiana que procura se afastar dos problemas da “ontologia tradicional”, mas que não deixa de “falar” a ontologia dos antigos (HEIDEGGER, 2019, p. 33).

Por último, a revolução proposta por Kant, a qual se equipara a revolução proposta pelo astrônomo Copérnico, chamada de “revolução copernicana”, ganha uma nova roupagem na leitura heideggeriana. Ao proclamar que “os objetos do conhecimento não aparecem por si mesmos, pois precisam de um sujeito (transcendental) que os ilumine” (HOFFE p. 55), Kant não quer dizer outra coisa senão: é preciso determinar o que antecede o conhecimento da experiência e o faz possível (HEIDEGGER, 2019, p. 34), isto é, que o conhecimento do ente (ôntico) necessita do conhecimento ontológico; em última instância, isto é o mesmo que afirmar: toda investigação “transcendental” é uma investigação da possibilidade interna da ontologia, da investigação do *ser*.

## A FINITUDE HUMANA

Concentrou-se, até o momento, na exposição da *Crítica* como uma fundamentação da metafísica, fundamentação esta que concentra a investigação na possibilidade interna da ontologia. A ontologia só se revela como um problema central quando se compreende a relação intrínseca entre o conhecimento ôntico e

o conhecimento ontológico, e, portanto, para a exposição ontológica é necessário a exposição do conhecimento *a priori*, isto é, se voltar a própria razão (pura).

A origem da fundamentação da metafísica se revela na razão humana, sendo o mais essencial disto, o caráter de finitude que a razão humana possui (HEIDEGGER, 2019, p. 39). Para além de demonstrar que a razão humana possui limitações, o que está em jogo é demonstrar que a finitude se apresenta como uma particularidade da razão dada a própria essência do homem. Em outras palavras, a finitude se apresenta como o elemento central quando “se decompõem” a própria forma humana de conhecer.

Na introdução da *Crítica*, Kant apresenta o seguinte: “parece-nos que há dois troncos do conhecimento humano, a sensibilidade e o entendimento” (2001, p. 82), sendo que, o conhecimento só é possível através da relação entre os dois: “sem a sensibilidade nenhum objeto nos seria dado; sem o entendimento, nenhum seria pensado” (2001, p. 115). Afirmar que o conhecimento é uma síntese entre ambos é uma tese parcial; para Heidegger, Kant não desenvolve o conhecimento desde sua origem como tema na *Crítica*, ao invés de explícito, a origem está aceita no texto como “pressupostos óbvios”<sup>5</sup>. É preciso determinar a essência e origem do conhecimento. Na primeira parte da *Crítica*, denominada *Estética Transcendental*, Kant abre a exposição da seguinte forma:

Sejam quais forem o modo e os meios pelos quais um conhecimento se possa referir a objetos, é pela *intuição* que se relaciona imediatamente com estes e ela é o fim para o qual tende, como meio, todo o pensamento. Esta intuição, porém, apenas se verifica na medida em que o objeto nos for dado; o que, por sua vez, só é possível, [pelo menos para nós homens,] se o objeto afetar o espírito de certa maneira. A capacidade de receber representações (receptividade), graças à maneira como somos afetados pelos objetos, denomina-se *sensibilidade*. Por intermédio, pois, da sensibilidade são-nos dados objetos e só ela nos fornece intuições; mas é o entendimento que pensa esses objetos e é dele que provêm os conceitos. Contudo, o pensamento tem sempre que referir-se, finalmente, a intuições, quer diretamente, quer por rodeios [mediante certos caracteres] e, por conseguinte, no que respeita a nós, por via da sensibilidade, porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado. (2001, p. 87)

A partir da leitura dessa passagem, Heidegger procura interpretar o que é decisivo e subvalorizado na filosofia kantiana, a saber, que todo “conhecer é primariamente intuir” (2019, p. 39), mas, além disso, que toda forma de conhecer aponta sempre para a intuição. Isto ocorre, pois também o pensamento se presta a intuição. Ora, que existe uma relação intrínseca entre o pensamento e a intuição é nítido na exposição kantiana, mas o que está em jogo para Heidegger, está além de afirmar que o conhecimento é um “pensar intuitivo”, mas sim, que a intuição possui o maior destaque. A unificação do pensamento aliado à intuição permite

5 Cf. HEIDEGGER, 2019, p. 38n31. Apresentar desde a origem é distinguir conhecimento como representar e como saber.

a “representação em geral” das coisas, sendo assim todo conhecer é um “intuir pensante”, mas este por sua vez, ainda não é conhecimento. (HEIDEGGER, 2019, pp. 40-41).

Acontece que esta exposição introdutória kantiana já mostra o essencial do conhecimento humano: sua finitude. Para introduzir a questão da finitude, Heidegger retoma a oposição com a intuição infinita; em função de que o conhecimento finito é próprio do homem, ele se diferencia do conhecimento de Deus ou de outro espírito superior, do conhecimento divino, como *intuitus originarius* (KANT, 2001, pp. 112-113). O conhecimento divino, em sua intuição infinita tem a “capacidade” de representar imediatamente o ente em seu todo, isto é, intuir o *ser* do ente. Em outras palavras, o divino intui o ente com uma transparência que não necessita de “pensamento”. Pensamento é algo próprio do conhecimento finito, pois todo pensamento demonstra uma “limitação” na forma de intuir. Assim, o pensamento está sempre subordinado a intuição posto que todo o conhecimento é intuição. Mas, no homem isso apresenta sua singularidade: a necessidade do pensar “também” é consequência da sua própria essência (HEIDEGGER, 2019, pp. 41-42).

Se o conhecimento depende dessa síntese, isso só ocorre pela própria natureza do humano como finito. Mas, a principal oposição entre a intuição finita e divina, não está apenas no intuir pensante, mas no fato que o conhecimento já é dado para o conhecer divino na intuição. A representação da síntese, pensamento e intuição, depende de outros elementos. Ao desenvolver seu percurso, Heidegger assume que nosso conhecimento seja de natureza distinta do conhecimento divino e que nossa intuição, portanto, não é originária, “criadora”, mas sim “*intuitus derivativus*” (2019, p. 43). O que quer dizer uma intuição derivada?

Retomando a passagem transcrita anteriormente, Kant afirma que a intuição só se apresenta diante de um objeto dado, ou seja, de um ente que se apresente ante ao sujeito. O ente existe por si mesmo e a intuição necessita que este se manifeste a ela, dessa maneira, por seu caráter finito, a intuição nunca pode dar o objeto por si mesmo. Logo, se a intuição sempre “recebe” o ente, ela é receptiva (HEIDEGGER, 2019, p. 43). Se a essência do conhecimento é a finitude e, por ser finita, ela sempre precisa receber o ente, cabe que de alguma forma seja possível recepcionar este ente. Assim, “são indispensáveis os sentidos como instrumentos”, pois, para que se receba o que provém de fora é necessária uma forma disto ocorrer; Kant chamou isso de sensibilidade<sup>6</sup> (HEIDEGGER, 2019, p. 43-44).

6 Todavia, a sensibilidade não diz respeito apenas ao objeto empírico, há também as formas puras da sensibilidade, que estão *a priori* no “sujeito” e são condições de possibilidade da intuição sensível empírica. Dessa forma, para a leitura heideggeriana, a exposição na *Estética Transcendental* das formas puras (tempo e espaço) são a primeira exposição ontológica da sensibilidade. Não cabe a este trabalho estender a investigação das formas puras da intuição, cabe notar que Kant tenha

A receptividade é fruto da intuição finita, mas ainda não é conhecimento; para ser conhecimento é preciso “poder tornar acessível o próprio ente enquanto algo manifesto para qualquer um e a qualquer momento naquilo que ele é e como ele é. Em outras palavras, para ser conhecimento é necessário que o intuído e o ente mesmo estejam interligados e, também, que seja possível “determinar o que o ente é”, além de comunicar ao demais esse reconhecimento do ente; é preciso “determinar o ente como isto ou aquilo” (HEIDEGGER, 2019, p. 44).

O representado, e por representado se entende aqui como uma “indicação de algo que se anuncia a uma consciência” (HEIDEGGER, 2019, p. 40), precisa ser tomado em sentido objetivo. Assim, o que toda intuição finita representa primeiro, como mencionado anteriormente, é o objeto “em geral”, para que seja possível determiná-lo como tal ou tal coisa, isto é, para atribuir uma predicação. Ao predicar, ou seja, “enunciar algo sobre”, a “faculdade de julgar” emite um juízo acerca do objeto, esta faculdade de julgar é o entendimento. O entendimento, por sua vez, torna o representado daquela intuição algo “compreensível”, o ente passa a ser objeto do conhecimento através da síntese veritativa: a síntese entre pensamento e intuição que torna o ente manifesto (HEIDEGGER, 2019, p. 45).

Com os elementos centrais da estrutura do conhecer distinguidos, é possível agora retomar a exposição kantiana a partir da leitura de Heidegger da seguinte forma: o conhecimento é síntese, entre o entendimento e a intuição, visto que a intuição finita precisa determinar o intuído e o entendimento, por sua vez, precisa se referir a algo, referir-se ao “em geral” (HEIDEGGER, 2019, p.46)

O conhecimento finito mostra que só pode conhecer ao ente que se manifeste, que se faça presente, ou que apareça; chama-se isso de “fenômeno”. Fenômeno é o ente mesmo que se permite como “objeto” de conhecimento (HEIDEGGER, 2019, p. 48). Apenas para natureza do conhecimento humano finita é que pode surgir algo como “objeto de conhecimento”, já que, diferente do *intuitus originarius* divino, não é uma intuição absoluta e criadora que dá “origem” ao ente. O ente não pode existir por si mesmo e manifestar-se ao conhecimento divino; afirmar isto é afirmar uma “limitação”, ou seja, afirmar o que é da natureza finita. A julgar pela própria natureza do conhecimento divino, este participa e origina o próprio ente, de forma que o ente se faz absoluto a intuição sempre como ente mesmo, como “vem-a-estar”, nunca como objeto. O ente só se manifesta objeto para a natureza finita (HEIDEGGER, 2019, pp. 48-49)

Kant afirma na *Crítica* que “fenômeno” é: “o objeto indeterminado de uma intuição empírica” (2001, p. 87). “Objeto indeterminado” só pode pressupor uma relação finita com o ente, visto que “objeto” só é possível pela receptividade

---

aberto a possibilidade de uma exposição ontológica, isto é, da sensibilidade como “não-empírica” (HEIDEGGER, 2019, p.44).

e, indeterminado, por sua vez, que carece de determinação, só é possível para uma intuição “não-absoluta” que necessita determiná-lo. Portanto, para a leitura heideggeriana, “fenômeno (*phaenomena*) é uma classe de “objetos” do conhecimento finito próprio da intuição receptiva e pensante”, apresentando também um caráter duplo do ente: ele se apresenta como objeto, isto é, fenômeno à natureza finita, ou se dá “em si” mesmo, como intuição originária ao “conhecimento infinito” (HEIDEGGER, 2019, pp. 48-49).

## DA FINITUDE À FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA

Se a tarefa expositiva dos conceitos cumpriu seu êxito, ainda falta uma etapa crucial da fundamentação do projeto heideggeriano. É preciso compreender como a receptividade do ente, afirmada na intuição finita, se conecta com o projeto de uma fundamentação da metafísica a partir de uma fundamentação da possibilidade interna da ontologia.

Em primeiro lugar, “em si” nunca pode ser tomada como objeto de conhecimento, pois para a classe de objetos já se pressupõe uma natureza finita, no qual o “em si” das coisas “não participaria”. Dessa forma, para o filósofo da Floresta Negra, não é necessária uma leitura da *Crítica* como fundamentação das ciências positivas para apontar a impossibilidade do conhecimento do “em si”. O conhecimento infinito, por sua vez, não possui “objetos”, visto que intui de forma absoluta. Diferenciar entre “fenômeno” e “em si” não aponta para objetos diferentes para o conhecimento, mas sim para relações de natureza distinta em relação ao mesmo “objeto”. O que está “além do fenômeno” não pode ser conhecido de modo algum, pois pelo conhecimento finito um ente nunca poderia ser intuído como criação como é próprio do *intuitus originarius*, apenas como objeto (HEIDEGGER, 2019, pp. 49-50).

Tanto por fenômeno, como por “em si” se entende sempre algo exterior, ou seja, algo que está “fora de nós” (*KrV A 373 apud* HEIDEGGER, 2019, p. 51). Assim, quando se trata das coisas em si, não é possível afirmar que eles estejam no sujeito cuja natureza finita não permite o acesso a essa forma própria da intuição infinita. Não obstante, o fenômeno também é algo exterior, visto que o sujeito não só não é criador do ente, como também não é este ente fenomênico e precisa que este se manifeste; essa conclusão pode ser deduzida a partir da apresentação da apresentação anterior. Decorre que o problema da *Crítica* é justamente o interior e não o exterior (HEIDEGGER, 2019, p. 51-52).

Se todo conhecimento é intuição e toda intuição, a partir da natureza finita do conhecimento humano, é receptiva, e, portanto, só acessa o fenômeno, nunca o “em si”, a pergunta que permanece é: poderia haver algo interior no conhecimento, isto é,

algo como conhecimento prévio, ou melhor dizendo, algo como um “conhecimento puro”?

A necessidade da exposição de algo “puro” surge justamente da tarefa enunciada anteriormente: o ente recebido e o ente externo precisam estar interligados, visto que para ser conhecimento é necessária algo prévio ao próprio fenômeno que permita o conhecimento objetivo deste ente. Mas, a síntese *veritativa* não nos oferece mais do que um conhecimento do ôntico. Apenas pela experiência não é possível formular transpassar o ente. Em outras palavras, “o conhecimento do ente só é possível com a base num conhecimento prévio, livre da experiência, da constituição ontológica do ente” (HEIDEGGER, 2019, p. 55). A investigação kantiana se move pelo conhecimento *a priori*. Todavia, se retomar ao entendimento, este não me permite mais do que conhecer por “rodeios” (KANT, 2001, p. 87) quando não pode “referir-se à”, isto é, quando não pode determinar algo intuído pela intuição finita. O entendimento se mostra ainda mais “finito”, pois lhe falta a imediatidade do intuir finito (HEIDEGGER, 2019, p. 46).

Para Kant, o entendimento e a sensibilidade são as fontes do conhecimento, além delas não há nenhuma outra (2001, p. 321-322). Logo, é preciso que esta investigação esteja no entendimento e na sensibilidade, ou que esta se ofereça a partir da síntese entre ambos, pois como “fontes” do conhecimento é necessário que emerja delas. O fundamental de Kant é ir em direção ao desconhecido, diz Heidegger (2019, p. 54). Agora é possível não mais oferecer uma tese parcial disto, mas compreender o cerne da investigação. A questão central da *Crítica* é investigar como são possíveis juízos sintéticos *a priori*? Para Heidegger, a pergunta pode ser convertida da seguinte maneira:

Como pode um ser finito, que está entregue enquanto tal ao ente e que está remetido à recepção deste, conhecer o ente antes de toda a recepção, isto é, intuí-lo, sem, contudo, ser o seu “criador”? Formulado de outra forma: como tem de ser este ser finito, segundo a sua própria constituição ontológica, para que seja possível um tal aduzir livre da experiência da constituição ontológica do ente, isto é, uma síntese ontológica? (2019, p. 55)

Assim, a contribuição kantiana com a *Crítica* ganha uma dimensão notável no projeto heideggeriano. Ao expor a pergunta pela possibilidade da síntese *a priori*, isto é, da síntese ontológica, levando em conta o caráter finito da natureza humana, torna-se a tarefa central da investigação responder como é possível transcender essa forma e compreender ao *ser* do ente, em um processo quase “criador”. Diante disso, a leitura heideggeriana desdobra a *Crítica* em uma fundamentação da metafísica, sendo que a tarefa só pode ser concluída ao investigar a possibilidade interna do conhecimento ontológico, ou seja, a possibilidade interna da ontologia.

Assim também, ao longo da interpretação, Heidegger procura mostrar que a metafísica deixa de se apresentar a partir de Kant como uma ciência, ou seja, a metafísica não é certamente um edifício de conhecimento que necessita de fundamentação, mas sim uma “disposição natural” que “pertence a natureza [finita] de todos os homens e coexiste com ele” (HEIDGGER, 2019, pp. 21-22). Logo, uma fundamentação da metafísica só pode acontecer no horizonte da finitude e o empreendimento kantiano, para Heidegger, possibilitou a abertura desse problema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste artigo é uma leitura investigativa de *Kant e o Problema da Metafísica*, de 1929, escrita por Martin Heidegger. No contexto dessa obra, o autor procura elucidar as etapas da fundamentação de seu projeto, por onde se revela a origem do problema central e como é necessário regressar à *Crítica* para expor todos os pressupostos. Assim, o autor revela seu projeto ontológico de leitura da *Crítica da Razão Pura*, de Immanuel de Kant, por onde seria possível repensar a própria obra kantiana como uma abertura para a fundamentação de uma metafísica. O presente trabalho concentrou seus esforços na exposição do problema da finitude do conhecimento humano, que se revela como elemento introdutório da primeira parte da obra para pensar a possibilidade interna da ontologia através da exposição *a priori*.

A obra heideggeriana foi produzida em conexão com o projeto de *Ser e Tempo*, publicado dois anos antes, em 1927. Assim, já no início de *Ser e Tempo* (HEIDGGER, 2015, p. 46), a obra kantiana aparece como uma contribuição positiva ao seu projeto. Embora, para compreender a contribuição kantiana, seria necessário se afastar de toda interpretação epistemológica da *Crítica*.

Iniciamos o trabalho apresentando a metafísica a partir de sua formação dogmática, da qual Kant é herdeiro ao produzir a *Crítica*. Esta formação dogmática teria tomado forma pela perplexidade filosófica com que os “objetos” da metafísica se apresentam, e mais ainda, pela dificuldade de situar a metafísica como isso ou aquilo. Permaneceram em aberto alguns problemas dos antigos, e, após a interpretação teológica-cristã abordar a metafísica com os temas da sua própria fé, ficou-se ainda mais distante das principais questões. Outro problema é que a metafísica sempre foi concebida como uma ciência notória e seu método deveria ser um método de uma ciência que fosse tão notória quanto, logo o método matemático. A metafísica chega até Kant a partir de diversos impasses e o autor, por sua vez, se vê diante de estruturar essas questões e propor um tratado de método, é a partir disso que Heidegger procura mostrar que o filósofo moderno não se afastou do projeto metafísico.

A investigação da fundamentação da metafísica se desdobra em instaurar uma “crítica da razão”, por onde se investigaria o *a priori*, a possibilidade de ultrapassar o ente na experiência. Ocorre que, de antemão, precisamos investigar nossa forma de conhecer. São duas as nossas fontes de conhecimento, o entendimento e a sensibilidade, e a síntese nos permite, dentro da nossa própria natureza finita, conhecer o ente que se manifesta. Mas essa possibilidade do conhecimento ôntico coloca Kant em um horizonte desconhecido. De fato, como seria possível ultrapassar o ente em direção ao conhecimento ontológico, isto é, de se perguntar pelo *ser* do ente, é a questão principal.

Assim, a contribuição kantiana é ter reconhecido a necessidade dessa questão na *Crítica da Razão Pura*. Dessa maneira, a pergunta kantiana pela possibilidade da síntese *a priori* se converte na pergunta pela possibilidade do conhecimento ontológico, da investigação do *ser*, por onde é possível uma fundamentação da ontologia, de um projeto de investigação do *ser*, através da natureza finita do homem.

Por fim, é possível concluir, segundo a leitura heideggeriana, que em Kant a metafísica já não procura se afirmar enquanto uma real “ciência”, a metafísica é uma “disposição natural” e por disposição natural, pensa-se a necessidade de se perguntar pelo próprio “homem”. Dessa forma, Heidegger recupera a tarefa fundamental de uma metafísica não mais como o conhecimento do ente e do suprassensível, mas sim uma tarefa de reconhecer o humano diante de sua própria natureza finita e estabelecer como esse pode se relacionar com o *ser*: um projeto ontológico do *ser-aí*. Kant abre possibilidade para uma metafísica do *Dasein* finito, em meio aquilo que o *Dasein* é e dos entes que estão diante dele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, E.; HEIDEGGER, M.; PEREZ, A. R. F. Disputa de Davos entre Ernst Cassirer e Martin Heidegger. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 161-178, 2017.

CASSIRER, Ernst. *Kant y el problema de la metafísica*. In: *Humanitas*, ano III, n. 8. Trad. Ernesto Garzón Valdez. Tucumán: 1957.

DUARTE, Irene Borges. ¿Recepción o interceptación? Reflejos de la mirada heideggeriana hacia Kant. In: *Anales del Seminario de Historia de la filosofía*. Madri, n. 12, 1995, p. 213 – 232.

HEIDEGGER, Martin. *Kant e o problema da metafísica*. Trad. Alexandre Franco de Sá e Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 1 – 41.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste, 2001.